

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

Tema 5; Sub-Tema 5c

ASPECTOS CLÍNICOS E METAPSICOLÓGICOS DOS USOS DAS DROGAS

Octavio Souza

Resumo:

O artigo interroga a referência à castração e à falta de objeto em Lacan, por um lado, e, por outro lado, a referência à qualidade do objeto em Balint e em Winnicott, como balizas para a escuta das questões relativas ao uso de drogas e à drogadição.

Palavras-chave: castração, perversão, regressão, objeto, ilusão

A disseminação do uso de drogas em nossa sociedade é um fenômeno relativamente recente, provavelmente paralelo ao surgimento da adolescência como forma de socialização da juventude. Por este motivo entre outros, certamente convida a análises que levem em conta os modos de subjetivação na sociedade contemporânea. Sensíveis a isto, grande parte dos estudos psicanalíticos brasileiros sobre o tema, marcada pela predileção pelo que se convencionou chamar de clínica do social que caracteriza a atual produção psicanalítica brasileira, assim como por um vocabulário de algum modo inspirado pela ética lacaniana da castração, tem insistentemente proposto a correlação do consumo das drogas com o consumo dos objetos na sociedade capitalista tardia.

Nestes estudos, o uso das drogas é visto não tanto como um sintoma, mas como uma radiografia da sociedade de consumo, reveladora de sua face negra, de sua verdade. Acredita-se assim que através da patologia do uso transgressivo da droga pode-se entrever as reais características de fundo da normalidade do comportamento consumista: ausência de projeto coletivo ou pessoal, ilusão, vazio

existencial. Igualados, os objetos de consumo e as drogas revelam-se os veículos da promessa de felicidade imediata que substitui os ideais abandonados pela sociedade contemporânea. Tal análise tem como referência teórica, entre outras, o processo discernido por Freud em sua análise da sugestão hipnótica e da psicologia das massas, no qual o ideal do ego é substituído por um objeto externo: as drogas e os objetos de consumo como reificações dos ideais abandonados. Nos termos da análise de Lacan da perversão como *pèreversion*, como versão do pai, o objeto de consumo e a droga estancam a potência metafórica do Nome de Pai, a ele se substituindo como metáforas cristalizadas, como *versões do pai*. Propiciam assim o encurtamento do intervalo de demanda que media a relação do sujeito com seu desejo, resultando na troca da infinitude do desejo pelo imediato da concretude do gozo. Este mecanismo é coloquialmente referido como “tamponamento do furo”. Neste quadro de referência, as drogas e os objetos de consumo são considerados desempenhar a função de rolha que tampona o furo da castração.

Diante de uma situação assim delineada, o remédio que se impõe tanto para a sociedade de consumo quanto para o usuário de drogas é a castração, a valorização do “furo” através da renúncia ao gozo dos objetos ou da droga. Na perspectiva individual do usuário de drogas, o caminho para tanto é o caminho de uma análise levada ao seu termo, no qual o sujeito, ao se deparar com a falta que o causa, passa a poder prescindir do amparo dos objetos contra a solidão que lhe é constitutiva. Este é também o caminho pelo qual o sujeito assume a responsabilidade por seu desejo.

Nada a objetar a uma análise deste tipo e ao remédio que propõe, senão sua precipitação, uma vez que, como observa Winnicott, diante das tendências anti-sociais, entre as quais certamente se inclui o uso das drogas, cabe ao analista muito menos o apelo à responsabilidade do que a atenção ao que ali se expressa como esperança.

Além da função comunicativa e expressiva destacada por Winnicott nas tendências anti-sociais, há de se considerar também que as drogas, mais do que objetos de gozo a renunciar, muitas vezes são fontes de qualidades experienciais que o sujeito necessita para manter a esperança de constituir para si uma base existencial a partir da qual possa, num momento posterior, vir a desejar. Antes que o sujeito possa assumir a responsabilidade por seu desejo, muitas coisas pelas quais ele não pode se responsabilizar têm de ocorrer, tanto em sua vida, quanto em sua análise. O que não se deve fazer é convidar o sujeito para sair de sua toca quando na verdade ele ainda está ocupado pela tarefa de procurá-la ou de escavá-la.

A referência ao modelo da perversão e à dialética da castração, embora possa ter um eventual valor retórico para a análise da sociedade de consumo, conduz à desconsideração de alguns aspectos essenciais para a condução do tratamento de casos que incluem o uso de drogas de um modo mais ou menos patológico. Dito de uma maneira sintética, a dialética da castração, ao remeter exclusivamente à dinâmica pulsional e à indeterminação do objeto que lhe é constitutiva, deixa de lado a questão das insuficiências do objeto – do outro materno – e das deformações do ego que delas derivam. É verdade que em Lacan a pulsão é concebida como o próprio tecido de que é feita a relação com o Outro. Contudo, esta relação, por ser pensada nos termos da lógica do significante, calculada, como mostra Jean-Claude Milner em sua *Obra Clara*, para reduzir o plano experiencial das qualidades psíquicas¹, não inclui as relações de dependência nas quais o que está em jogo são as necessidades físicas e psíquicas do sujeito, e as qualidades físicas e psíquicas do objeto (outro materno).

Levando-se em conta o fator das insuficiências do objeto, não é difícil pensar que a droga possui mais usos na realidade psíquica do que o de rolha para tamponar o furo da castração. Na análise de pessoas em que o uso de drogas entra em questão,

seu valor de suplência às carências do meio ambiente se sobrepõe à sua relação com a falta estrutural do grande Outro. A perspectiva estrutural que considera a falta como já estando lá (*déjà là*) desde sempre descuida das *qualidades objetais* necessárias para a constituição do solo a partir do qual a própria noção subjetiva de falta pode se instalar. A avaliação do uso psíquico das drogas não pode deixar de levar em conta tais qualidades. A noção generalizada de gozo, mesmo que modalizada em diferentes gozos, parece insuficiente para tanto, na medida em que, como já foi dito, o conceito de falta da lógica do significante que serve de pivô para a modalização dos diferentes gozos é calculado para reduzir a própria idéia de qualidade psíquica.

Um entremeio histórico-epistemológico neste ponto talvez possa esclarecer alguma coisa. O objetivo de Lacan ao propor os conceitos de significante e de falta de objeto através dos quais se articula sua teoria da castração foi sem dúvida o de resolver alguns problemas levantados pela teoria da representação na obra de Freud, principalmente o do papel da alteridade na constituição do sujeito. Enquanto na teoria clássica da representação a representação aparece como mediação entre o sujeito e os objetos do mundo externo e interno, sem nenhuma participação da alteridade em sua constituição, na lógica do significante, o significante, por ser sempre significante do Outro, instaura a alteridade como condição da própria possibilidade de representação. Ao mesmo tempo, o significante, por não ser referido aos objetos, mas à sua diferença em relação aos outros significantes, retira do mundo dos objetos a estabilidade que possuía como referente das representações. Na sua relação com o corpo, o significante introduz a falta por sob a estabilidade imaginária dos objetos mediados pela representação, produzindo a cisão do sujeito entre ego e inconsciente.

Contudo, Lacan não foi o único psicanalista sensível às dificuldades da teoria da representação implicada no conceito freudiano de pulsão. De uma certa forma, toda a

¹ Cfrir. Jean-Claude Milner, *A Obra clara*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996.

psicanálise pós-freudiana pode ser compreendida como a proposta de múltiplos caminhos para superá-las². Dentre estes caminhos, o de Michael Balint, em um momento de sua reflexão, foi o de considerar os objetos do mundo externo do ponto de vista de seus aspectos qualitativos.

Partes do mundo externo que são sentidas como firmes, resistentes e com contornos claros, são chamadas por um nome particularmente agressivo, “objeto”, que sugere tanto resistência, obstáculo contra nossos desejos, quanto alvo e objetivo dos nossos esforços. Outras partes do mesmo mundo, que não são sólidas, que não resistem muito e que não têm contornos nítidos, são chamadas por nomes não agressivos, tais como substância e substrato, ambos próximos da palavra sujeito que designa a nós mesmos. Um terceiro termo muito usado, matéria, descreve as partes do mundo sem um contorno muito nítido e que oferecem menos resistências, deriva de uma raiz que denota mãe. A inferência obrigatória é a de que houve um tempo em que houve uma mistura harmoniosa em nossas mentes, entre nós mesmos e o mundo que nos circunda, e que nossa mãe estava envolvida nisto. Embora esta mistura nos choque como infantil e primitiva, devemos admitir que precedeu nosso retrato do mundo ‘moderno’ ‘adulto’, ‘científico’, o qual, por assim dizer, cresceu a partir dela (...)³.

Para nossa perspectiva, disto tudo o que mais interessa é o quanto uma análise feita nos termos da apreciação qualitativa dos objetos remete para um estatuto do objeto no qual a mediação pela representação se encontra, no mínimo, problematizada. A idéia de uma “mistura harmoniosa em nossas mentes entre nós mesmos e o mundo que nos circunda”, que, como sabemos, traduz o conceito de amor primário, aponta para uma dimensão das relações objetais não-mediada pelas representações. A relação do feto com a placenta, ou a do organismo com o ar que o envolve, servem como modelo para compreender a qualidade da relação primária do sujeito com seu entorno. Para Balint, os objetos com contornos definidos, sólidos, resistentes, passíveis de representação, destacam-se de modo traumático do mundo indiferenciado, líquido, gasoso, do amor primário, por anunciarem o exílio do modo fusional de relação de objeto não-mediada pela representação. (Do ponto de vista desta análise de Balint, as drogas podem ser melhor avaliadas quando aproximadas dos objetos líquidos e gasosos que se misturam fusionalmente com o sujeito, do que

² Cf. Octavio Souza, “Aspectos do encaminhamento da questão da cientificidade da psicanálise no movimento psicanalítico”. In: *Ciência, representação e realidade na psicanálise contemporânea*. Raul Albino PACHECO FILHO, Miriam DEBIEUX ROSA, Nelson COELHO JUNIOR (orgs.). EDUC/Casa do Psicólogo. São Paulo. 2000.

quando aproximadas dos objetos sólidos e diferenciados como a rolha. Isto não quer dizer que a droga não possa também desempenhar o papel de objeto diferenciado do sujeito, mas esquecer seus valores fusionais pode restringir muito o alcance da análise).

É curioso notar as semelhanças e diferenças entre Balint e Lacan. Para ambos o plano das relações objetais mediadas pela representação (diferenciação eu/não-eu para Balint, imaginário para Lacan) só ganham significação por sobre o pano de fundo das relações de objeto não-mediadas pela representação (amor primário para Balint, castração para Lacan). Contudo, enquanto para Balint a experiência humana se inaugura pelo modo de relação de objeto não-mediada pela representação, ou seja, pelo amor primário, para Lacan a experiência humana se inaugura pelo modo imaginário de relação de objeto mediada pela representação, na medida em que o sujeito se constitui pela via da negação da castração (recobrimento sucessivo da castração pela fantasia e da fantasia pelo narcisismo). Deste modo, em Lacan, a superação do modo de relação de objeto mediada pelo imaginário da representação se coloca no futuro da assunção da castração, pois embora a castração esteja dada na estrutura, sua experiência subjetiva depende de uma ascese que em última instância só encontra sua conclusão na experiência analítica. *Daí resulta que enquanto que em Lacan a complexidade da experiência é gerada pelo contraponto entre o campo qualitativo dos objetos imaginários e o campo não qualitativo da falta, em Balint ela é gerada pela justaposição entre dois campos qualitativos distintos, quais sejam, o campo da experiência fusional entre sujeito e objeto e o campo da experiência da diferenciação entre sujeito e objeto.* Neste ponto, Balint é muito próximo de Winnicott, que também concebe um modo primário fusional de relação de objeto e que deriva a complexidade da experiência do interjogo entre os elementos puro feminino (fusão

³ Michael Balint, *Thrills and Regressions*, International University Press, Madison, Connecticut, 1987, p. 62.

sujeito-objeto) e os elementos puro masculino (diferenciação sujeito-objeto), elementos estes pensados em termos de qualidades distintas de experiências.

A dialética do desejo e da castração não se apresenta, portanto, como o único solo a partir do qual pensar a subversão do sujeito da teoria clássica da representação. A *decisão teórica* de Lacan de submeter todo o pensamento clínico à lógica do significante e de considerar o campo dramático das qualidades da experiência, dos sentimentos, dos afetos e das emoções como uma dimensão imaginária passível de redução a seus determinantes estruturais⁴ tem a *conseqüência clínica* de considerar como objetivo de uma análise a ultrapassagem do campo das experiências da vida quotidiana com vista à realização subjetiva de seus determinantes estruturais. É claro que esta realização, no fim das contas, só pode ser pensada em termos experienciais. Resta, então, concebê-la como uma experiência excepcional. Lacan muitas vezes descreve o final da análise como uma experiência de solidão, como o momento em que o desamparo constitutivo do sujeito pode ser experimentado sem resultar em nenhuma ameaça de angústia para o ego, uma vez que este último foi progressivamente desconstruído no percurso da análise. No seminário sobre a ética da psicanálise, por exemplo, influenciado por Heidegger, Lacan afirma que o término de uma análise conduz o sujeito a se defrontar com a realidade de sua condição de desamparo, na qual o homem, em sua relação com a morte, “não precisa esperar ajuda de ninguém⁵”. Com isto deve-se entender que o sujeito não precisa esperar ajuda de ninguém simplesmente porque se dá conta de que não adianta esperar, uma vez que o Outro é castrado e por isso mesmo impossibilitado de garantir o sujeito em

⁴ Cfrir. Octavio Souza, “Nota sobre algumas diferenças na valorização dos afetos nas teorias psicanalíticas”. *Corpo, Afeto e Linguagem*. Benilton BEZERRA JR. e Carlos Alberto PLASTINO (orgs.). Editora ContraCapa. São Paulo. 2001.

⁵ Lacan, *L'Éthique de la psychanalyse*, Paris, Le Seuil, 1986, p. 351

sua relação com o desejo. No comum da vida o sujeito não tem a oportunidade de experimentar a solidão sem angústia e sem demanda porque a castração do Outro é sucessivamente recoberta pela figura ameaçadora de um Outro do gozo na fantasia e de um Outro protetor nos ideais das instâncias narcísicas do Eu Ideal e do Ideal do Eu. Por sua vez, a experiência psicanalítica propriamente dita se desdobra no intervalo entre as experiências comuns da vida quotidiana e a experiência excepcional do final de análise, e se estabelece como o caminho pelo qual, na transferência, o sujeito faz a experiência da castração do Outro e da impossibilidade de garantia. Esta é a ética da castração que orienta a condução de toda análise.

É verdade que Winnicott, de um modo até certo ponto semelhante ao de Lacan, também concebe a vida como um caminho da dependência na direção da independência, ou seja, como um caminho na direção de um momento em que hipoteticamente se poderia dizer que o sujeito tende a não precisar da ajuda de ninguém. Pensa também que o papel do analista é o de ajudar as pessoas neste caminho. Sua concepção da experiência analítica, contudo, não enfatiza a busca da experiência da solidão nem a impossibilidade de garantia. Para ele, pelo contrário, e isto principalmente quando se trata da análise de casos *borderline* e de psicose, entre os quais certamente se incluem os casos mais patológicos de uso de drogas, uma análise deve visar a possibilidade do estabelecimento de uma relação de confiança que permita ao sujeito viver na regressão a experiência de dependência que não pôde experimentar em sua história pessoal. Ainda segundo Winnicott, e este é o ponto mais importante, a experiência de solidão sem demanda não é atingida apenas no final de uma análise, mas já no início da vida, quando ainda não há diferenciação entre sujeito

e objeto e a experiência é marcada pelo elemento puro feminino⁶. Contudo, paradoxalmente, esta solidão só pode ser vivida na dependência absoluta em relação ao outro materno que atende às necessidades físicas e psíquicas do futuro sujeito:

Qual é o estado do indivíduo humano quando o ser emerge do não-ser? (...) No início há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo essa solidão só pode ocorrer sob as condições da dependência absoluta⁷.

A solidão inicial é a condição subjetiva do verdadeiro self e sua preservação ao longo da vida como núcleo *incomunicado* é essencial para o sujeito. É a partir dela que o sujeito pode estabelecer um relacionamento criativo com o mundo que o circunda e são as ameaças contra ela por parte de um meio inadequado que estão na base das angústias de aniquilação, de intrusão ou de separação. Tais angústias, é importante notar, não podem ser reduzidas à angústia de castração, uma vez que são resultado das insuficiências do meio e não de conflitos com o desejo inconsciente.

Como se percebe, tanto Winnicott quanto Lacan concebem a experiência da solidão de um modo positivo e lhe atribuem grande importância clínica. Contudo, enquanto para Lacan a solidão está relacionada com castração e morte e só pode ser experimentada sem angústia ao fim do percurso de uma análise, para Winnicott ela está ligada ao sentimento vital em seu início e só pode ser experimentada sem angústia uma vez atendidas as necessidades da condição de dependência em relação ao meio. Além disso, na perspectiva de Lacan ela marca uma ruptura em relação às ilusões fantasísticas e na de Winnicott ela marca o início da capacidade de se iludir e de criar.

Examinando o uso de drogas a partir destas duas maneiras de conceber a solidão, é fácil perceber que em relação à experiência da solidão como realização subjetiva da castração a droga só pode desempenhar o papel de obstáculo. Deste

⁶ A respeito da solidão, cf. Nelson Coelho Junior, “Intersubjetividade e isolamento pessoal nas teorias fenomenológicas e psicanalíticas”, no prelo.

ponto de vista, como já foi visto, ela é a rolha que impede a experiência do furo da castração e seu uso é uma defesa contra a angústia de castração. Já no que diz respeito à experiência da solidão como condição subjetiva do núcleo do verdadeiro self, as coisas se tornam um pouco mais complexas. É claro que se pode considerar o uso da droga também como uma defesa contra as angústias de aniquilação, intrusão ou separação. Certamente ele desempenha este papel. Mas aqui a perspectiva clínica não pode ser a de renúncia. Como vem de ser dito, as angústias de aniquilação, intrusão ou separação não são geradas por fantasias de gozo encobridoras da castração, mas são efeito de insuficiências ambientais e estão, por sua vez, na origem de falhas estruturais do ego que mostram seus efeitos ao longo da vida do sujeito⁸. Por isto mesmo, talvez a proteção subjetiva contra tais angústias seja melhor concebida em termos de envelope psíquico do que em termos de defesa, na medida em que a noção de envelope psíquico transmite a idéia de uma ação psíquica necessária, enquanto que a noção de defesa transmite a idéia de uma ação psíquica que talvez pudesse ter sido evitada. Em que, então, é possível conceber que o uso da droga desempenha uma função psíquica necessária?

A resposta para tal pergunta começa a ser dada quando se considera que em continuidade com o seu papel de envelope psíquico para as angústias primitivas de aniquilação, intrusão ou separação, o uso da droga torna possível a experiência de solidão que serve de base a partir da qual o verdadeiro self pode encontrar seu modo de expressão. Quando o falso self tende a isolar o verdadeiro self, ameaçando lhe conceder uma existência apenas virtual, o uso da droga, ao diminuir as angústias mais precoces, assegura um espaço vital para o modo de experiência do verdadeiro self.

⁷ D. W. Winnicott, *Human Nature*, Free Associations Books, Londres, 1988, pp. 131-132.

⁸ É verdade que estas angústias sempre guardam um fator de sexualização e, portanto, de distorção, o que torna necessária a perspectiva interpretativa do tratamento. Contudo, esta sexualização necessita ser vista como secundária em relação às insuficiências do outro materno.

Neste papel, de modo muito mais marcado do que em seu papel defensivo, os efeitos psicossomáticos produzidos pelas diferentes drogas, o chamado “barato”, são extremamente relevantes. A principal questão levantada por esse aspecto do uso da droga, tanto para a vida de cada um, quanto para a clínica psicanalítica, diz respeito ao grau em que o sujeito consegue *aprender com a experiência*, de modo a que o verdadeiro self possa adquirir espessura e ganhar complexidade no seu modo de expressão e de relação com os objetos. Como se sabe, há casos em que o uso da droga adquire importante valor num período historicamente delimitado na vida dos sujeitos por dar acesso a qualidades de emoções e experiências que derivam em modos de expressão e de relacionamento que integram a realidade psíquica, dotando-a de densidade e textura. Há ainda casos em que o uso da droga é permanentemente integrado de modo mais ou menos conflituoso em uma vida criativa. Há, contudo, casos em que o uso de drogas se restringe a seu aspecto compulsivo, repetindo-se num puro presente que não prepara para nenhum futuro. Mesmo nesses últimos casos, o uso da droga pode ter a função de possibilitar a experiência de solidão do verdadeiro self em seu isolamento. Acredito que em certa medida esta função sempre se encontra presente no uso da maior parte das drogas, mesmo que de forma apenas residual, como nos casos em que a experiência de se drogar se reveste predominantemente de desprazer e angústia, mostrando-se como repetição de um modo de relacionamento primário vivido na dor e na desorientação.

É claro que a abordagem das experiências proporcionadas pelo uso de drogas não pode ser feita independentemente de uma série de outras considerações. Não se pode esquecer que os efeitos psicossomáticos das drogas, a droga enquanto objeto, assim como o próprio ato de se drogar, entretecem importantes relações com as fantasias. Isto contudo não deve impedir o exame dos efeitos psicossomáticos do seu

uso por si mesmos.⁹ Para tanto, a referência aos objetos transformacionais tais como concebidos por Christopher Bollas pode ser de grande interesse. Embora Bollas não se refira ao uso de drogas como um dos fenômenos através dos quais o modo de relação com o objeto transformacional se manifestam na vida adulta, cabe aqui a aproximação. Para Bollas o objeto transformacional é o primeiro objeto do sujeito, constituindo-se não como um objeto representável enquanto objeto, como é o caso do objeto transicional de Winnicott, a primeira posse não-eu do bebê, mas como a mãe no que ela é identificada ao processo de transformação do self por ela propiciado através do atendimento às necessidade do bebê.

Um objeto transformacional é experiencialmente identificado pelo lactente com processos que alteram a experiência do self. É uma transformação que emerge da relação simbiótica, na qual o primeiro objeto é “conhecido” não tanto por ser apreendido por uma representação de objeto, mas como uma experiência recorrente de ser (...). Não ainda totalmente identificada enquanto um outro, a mãe é experimentada como um processo de transformação, e esta característica da existência precoce permanece em certas formas de busca de objeto na vida adulta, quando o objeto é buscado por sua função como um significante de transformação. Então, na vida adulta, a busca não é tanto a de possuir o objeto, mas a de entregar-se a ele como um meio que altera o self, no qual o sujeito-enquanto-um-suplicante se sente ele mesmo o receptor de cuidados somático-ambientais identificados com metamorfoses do self¹⁰.

Embora a busca do objeto transformacional na vida adulta possa se manifestar como busca de um objeto capaz de proporcionar modificações no sujeito, tal um novo emprego ou um par ideal, uma viagem, um automóvel, seu modo mais característico é a encenação de uma memória pré-verbal do ego, como ocorre, por exemplo, nas experiências estéticas, quando o sujeito “experimenta uma estranha fusão com o objeto, um acontecimento que reevoca um estado do ego que prevaleceu durante a

⁹ A respeito da especificidade dos efeitos da droga, de seu entrelaçamento com a fantasia, e de sua relação com os limites do ego, cfrir. Nathália Armony, *O Campo das toxicomanias na clínica psicanalítica*, texto em elaboração, a ser apresentado em 2002 como Tese de Doutorado no Instituto Fernandes Figueira. Sobre o entrelaçamento entre a droga enquanto objeto da fantasia e seus efeitos psicossomáticos, observa: “Se a droga representa, na fantasia, um objeto idealizado, que é incorporado, isso vem a ser acrescido dos efeitos de euforia, permitindo uma maior vivência de fusão do eu com o seu ideal. Se contudo, ela representa uma circunscrição do mal, de um objeto danoso, e por isso punitivo, seus efeitos de incapacitação por entorpecimento confirmarão a subjugação do eu pelo objeto persecutório”.

¹⁰ Christopher Bollas, *The Shadow of the object*, Columbia University Press, New York, 1987, p. 14.

vida psíquica precoce”¹¹. Embora o modo de relação com o objeto transformacional apareça na vida de todo sujeito, sua dominância em relação ao modo de relação transicional no *setting* analítico, assim com sua busca compulsiva no cotidiano da vida, são testemunhas de carências ambientais importantes, demonstram, para empregar os termos de Bollas, a existência de uma “mãe muito pouco transformativa” na história do sujeito. São também a expressão da necessidade que o ego tem de encontrar, na realidade, reparação para suas falhas estruturais.

No tratamento analítico, as dificuldades que o uso de drogas suscita dizem respeito à incapacidade apresentada por certos sujeitos de aprender com a experiência. É como se suas experiências precoces com o outro materno, assim como suas experiências com drogas, não pudessem estar na origem de mudanças. Nestes casos, os efeitos das drogas como memórias reencenadas de processos transformativos precoces apenas trazem o sujeito de volta a um processo que não pôde ser concluído. São como que improvisos musicais proferidos à guisa de desafios que apenas esperam a réplica do outro para prosseguirem. Apenas a réplica não vem e o improviso se deforma em gagueira sem solução.

Na esfera transferencial, o modo de relação dos objetos transformacionais traz dificuldades importantes para a condução do tratamento, na medida em que pode facilmente ser encoberto pelo trabalho interpretativo dos elementos discursivos do analisando. Entretanto, o tipo de interpretação requerido não é aquele que se dirige às formações do inconsciente para ali destacar o gozo no qual o desejo se cristaliza, propiciando sua queda em um ato de renúncia. Pelo contrário, o tipo de interpretação requerido visa a *complementação*, a qual apenas se torna possível através do contato empático com a experiência que o sujeito apresenta silenciosamente. O contato empático não tem a função de esclarecer, mas a de trazer a presença de um outro

¹¹ *The Shadow of the object*, p. 16.

para a proximidade de uma experiência que se esboça na solidão. Essa interpretação não visa desestabilizar o ego, como é o caso da interpretação das formações do inconscientes, mas mostrar-lhe que foi compreendido em seu modo de funcionar. Não visa uma fantasia a ser explicitada e atravessada, mas uma prova a ser identificada e concluída. E para tanto, há a necessidade de companhia e de apoio. Neste ponto, como se sabe, a função de *holding* do analista e do enquadre analítico se torna essencial. O tratamento deverá portanto acontecer na regressão, único modo pelo qual uma relação transferencial que se desdobra em meio aos meandros da confiança pode contribuir para a complementação de experiências transformacionais iniciadas em um meio deficiente.

Nos casos de uso patológico de drogas, às dificuldades do tratamento do modo de relação dos objetos transformacionais se somam as dificuldades do tratamento das tendências anti-sociais. O analista não pode colocar-se na proximidade da qualidade experiencial da droga (ou de quaisquer outros comportamentos anti-sociais) sem correr o risco de oferecer-se como cúmplice. Por isto mesmo é importante ter em mente que o modo de relação dos objetos transformacionais não se atualizam apenas através das drogas e que a realidade do encontro analítico guarda uma série de outras atualizações do mesmo tipo que entretecem entre si uma rede de ressonâncias. Em relação às experiências da droga, o fundamental é concebê-las não tanto como obstáculo a ser afastado, mas como início de um percurso que necessita de meios para prosseguir. Como todo início, é passível de ser superado, mas não abandonado, sua presença sempre se fará sentir na densidade dos desdobramentos que originou.